



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

O sofrimento na atualidade e sua expressão na cultura: a Cidade e a experiência do Trapeiro-colecionador

Suffering nowadays and its expression in culture: the City and the experience of the Rag picker-collector

El sufrimiento en la actualidad y su expresión en la cultura: la Ciudad y la experiencia del Trapero-colector

SILVA, Ricardo Luis (1);

ESTELLES, Amanda Agostinho (2)

(1) Professor Doutorando, Centro Universitário SENAC, Programa de Pós-graduação FAU-Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil; email: ricardo.lsilva@sp.senac.br

(2) Psicóloga, Especialização em Teoria Psicanalítica, COGEAE PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil; email: amandaestelles@yahoo.com.br



O sofrimento na atualidade e sua expressão na cultura: a Cidade e a experiência do Trapeiro-colecionador

Suffering nowadays and its expression in culture: the City and the experience of the Rag picker-collector

El sufrimiento en la actualidad y su expresión en la cultura: la Ciudad y la experiencia del Trapero-colector

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar um diálogo crítico interdisciplinar entre os saberes que compõem a Arquitetura e a Psicanálise, sobre o sofrimento psíquico na Cidade contemporânea. A conversa será estruturada na dialética entre Homem e Cidade, a partir da apresentação de pontos pertinentes ao assunto nas obras *Mal-estar na civilização* de Sigmund Freud e na *Vinho dos trapeiros* de Charles Baudelaire. O resultado que se pretende atingir é uma proposta crítica e reflexiva, não necessariamente concreta, tendo como elementos basilares: o personagem Baudelairiano do trapeiro, e o estar e caminhar pela Cidade como dupla função de leitura do espaço e escritura de uma narrativa urbana, onde o sofrimento do homem contemporâneo é assumido como integrante de sua subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade contemporânea, sofrimento, trapeiro

ABSTRACT

*This article aims to present a critical interdisciplinary dialogue between knowledges that make up the Architecture and Psychoanalysis, on psychological distress in the contemporary city. The discussion will be structured in dialectic between Men and City, from the presentation of relevant points to the subject in the works *Civilization and Its Discontents* by Sigmund Freud and *The Rag pickers' Wine* by Charles Baudelaire [1857]. The result to be achieved is a critical and reflexive, not necessarily concrete proposal, having as basic elements: Baudelaire's character the rag-picker, and living and walking in the City as dual function of reading of the space and writing of an urban narrative, where the suffering of contemporary men is assumed as part of their subjectivity.*

KEY-WORDS: Contemporary City, suffering, rag picker

RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo presentar un diálogo interdisciplinario crítico entre los saberes que conforman la Arquitectura y el Psicoanálisis, en la angustia psicológica en la ciudad contemporánea. El debate se estructurará en la dialéctica entre el Hombre y la Ciudad, a partir de la presentación de los puntos relacionados con el tema en las obras *El malestar en la cultura* de Sigmund Freud y *El vino del los traperos* de Charles Baudelaire. El resultado que deba conseguirse es una propuesta, no necesariamente concretizada, crítica y reflexiva, que tiene como elementos básicos: el carácter de trapeiro de Baudelaire, y vivir y caminar por la Ciudad como la doble función de la lectura del espacio y la escritura de una narrativa urbana, donde el sufrimiento del hombre contemporáneo se asume como parte de su subjetividad.*

PALABRAS-CLAVE: Ciudad contemporánea, el sufrimiento, trapeiro



1 INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende registrar um diálogo ainda não encerrado entre um arquiteto e uma psicanalista. Quem sabe, entre uma parte da arquitetura e uma parte da psicanálise. O que teriam esses campos do saber em comum? Em comum?

Incomum. Uma conversa incomum.

Dos objetos comuns do cotidiano e do sofrimento psíquico na Cidade contemporânea.

Propomos percorrer brevemente, mas não de forma leviana, obra de Freud – Mal estar na civilização [1930], e visitar antropólogos, filósofos, arquitetos e psicólogos que tenham em algum momento se dedicado a pensar sobre esta questão incomum – a Cidade.

Quais seriam as possibilidades para o homem dentro de uma Metrópole? Resta alguma?

Ainda há lugar para o homem entre o público e o privado. Entre fazer e ser feito.

Fazer algo da Cidade. Passar por ela, transformar-se. Fazer a Cidade. Lê-la e escrevê-la.

Uma reflexão sobre a experiência do caminhar - menos romântico do que o já proposto via o *flanêur* de Baudelaire [1863-2008].

Caminhar de dupla função: escritura e leitura segundo Careri [2002]. A primeira é o relato do espaço atravessado e a segunda é o preenchimento dos vazios.

Preencher vazios?

Deixar rastros. Então, deixar vazios atrás de si também.

É porque falta algo que continuamos a caminhar.

É porque desejamos.

Desejamos o que?

2 O DIÁLOGO

Que medo é sumir na massa. Na massa emaranhada da Cidade, na sujeira da rua.

Adorna-se. Faz-se de normal.

Queremos ser únicos ou parecidos?

O que queremos?

Não nascemos claramente separados do outro, o bebê ainda não separa seu Eu do mundo exterior, mas o aprende a fazer aos poucos.

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada – isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica (...). (FREUD, 1930, p: 16)

Certamente, a Cidade influencia a existência humana por meio de suas construções, modos de organizar e de transitar. Mas seria simplista pararmos por aqui com essa afirmação. A divisão entre o homem e a Cidade não está dada nem é inerte, muito menos sem consequências. Não pretendemos aqui discutir o que veio antes, mas travar um diálogo entre instâncias

respeitando a linguagem própria de cada uma. Empenhamos-nos em não psicologizar a Cidade nem abandonar o que é histórico e social da subjetividade.

Falar da relação do homem com a rua e com a casa nos faz pensar sobre a relação do Eu com o outro. O público e o privado. Cru e cozido. Civilização e barbárie. É possível avançar para a clínica, a arquitetura, a margem e a rua. Loucura. Loucura se confina na rua. Não em casa, lugar de gente de bem. Em casa somos reconhecidos, fazemos parte, temos nome para separar e sobrenome para igualar.

Para Freud [1930] estar diante do outro nos faz ter de lidar com a incongruência entre as ideias e os atos das pessoas e a diversidade dos seus desejos.

Roberto DaMatta [1986] divide claramente os espaços sociais da casa e da rua (lugar de trabalho, movimento, surpresa, tentação e, quem sabe, vastidão).

Na casa, ou em casa. Somos membros de uma família e de um grupo fechado com fronteiras e limites bem definidos. Seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesma substância – a mesma carne, o mesmo sangue (...). (DAMATTA, 1986, p: 24)

Não à toa, protegemos a casa e suas fronteiras, soleiras e materiais, portas e janelas, entradas e saídas (físicas e morais).

Percebemos, muitas vezes, nossas moradas como lugares singulares, exclusivos. Entra quem é convidado.

É possível pensarmos sobre a valorização dos espaços privados que ocorreu no século XIX, caracterizada pela necessidade de isolamento e de intimidade. A casa burguesa passou a ser um lugar onde se refugiar contra a ameaça da Cidade e da vida pública. Casa, que para Benjamin [1989] torna-se cápsula ou estojo onde guardar não só o indivíduo, mas também seus pertences. Estes, por sua vez, tentam preservar a individualidade em oposição à vida massificada nas Cidades.

Por esse motivo – e nessa oposição – ocorreu, ao mesmo tempo, a caracterização da rua como lugar de desvalor, violência e medo, como formulado também por DaMatta [1986].

Mesmo que muito parecidos, as casas e prédios têm em si algo que marque sua identidade, a identidade do grupo que as ocupa: “um pedaço de azulejo estrategicamente colocado próximo a uma janela; um nome singelo na parte de cima da soleira da porta; flores e jardins; a cor de suas janelas e portas” (DAMATTA, 1986, p: 26). Adornamos-nos e adornamos nossos lares quem sabe para evidenciar a diferença entre eu e outro. O que fica impedido em moradas coletivas como nas prisões, dormitórios, alojamentos e hotéis, onde não se pode projetar nas paredes, nas portas, no chão e nas janelas.

Já a rua diz respeito ao mundo exterior que se mede pela luta, competição e anonimato cruel de individualidades e individualismos. Lugar do povo, da massa, pessoas em fluxo (DAMATTA, 1986).

Segundo Josephson,

Ao pretender ordenar e resolver as contradições sociais, políticas e econômicas da cidade através da desqualificação das ruas e da exclusão da população pobre dos locais mais frequentados e valorizados e, por outro lado, elevando o espaço privado a um nível superior, a um “bem da humanidade”, a estratégia de ordenação do espaço urbano aqui descrita operou todo o tempo com dois mecanismos básicos: o da exclusão e o do isolamento. A cidade, o espaço urbano – traçados segundo a máxima higienista de “um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar” – procurou evitar os aglomerados, separando física e moralmente os elementos que, juntos, aproximariam tradições sociais e políticas explosivas e perigosas, e

que precisavam ser controlados. (JOSEPHSON, 1997, p: 147)

No calor da caminhada para chegar a algum lugar, somos indistintos, não há nome, nem rosto que nos identifique. “Se corre o grave risco de ser confundido com quem é “ninguém”” (DAMATTA, 1986, p: 31).

Quem quer ser “ninguém”? Alguém?

Identificamos-nos com o sofrimento descrito por DaMatta [1986], nos propusemos a pensar o sofrimento na/da Cidade e naqueles/daqueles que dentro dela habitam casas e ruas. Um sofrimento característico do homem urbano. Um sofrimento psíquico contemporâneo.

Freud [1930] considera três fontes que originam o sofrimento humano: a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. (FREUD, 1930, p: 31)

Uma solução comum diante do sofrimento originado das relações humanas é o isolamento.

Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa. É verdade que existe outro caminho melhor: enquanto membro da comunidade humana, e com o auxílio da técnica oriunda da ciência, proceder ao ataque à natureza, submetendo-se à vontade humana. (FREUD, 1930, p: 32)

Dedicamos-nos em demasia a calcular, ordenar, projetar e, quem sabe assim, calar o ruído das Cidades onde se pretende viver.

Porém, segundo o próprio Freud [1930], o homem nunca dominará completamente a natureza, pois nosso organismo parte dessa natureza e, portanto, “será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho. Tal conhecimento não produz efeito paralisante; pelo contrário, ele mostra à nossa atividade a direção que deve tomar.” (FREUD, 1930, p: 43).

E qual seria? Por onde o homem andaria? E como?

Há em Freud [1930] uma afirmação que ele chama de espantosa, é ela:

“(…) boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas. A asserção me parece espantosa porque é fato estabelecido – como quer que se defina o conceito de civilização – que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização.” (FREUD, 1930, p: 44)

Ou seja, nos encontramos insatisfeitos com o estado civilizacional. Que proporcionou de um lado a organização do que se pode chamar de cultura e de outro a dominação do homem/natureza, que se torna neurótico e sofre porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe em prol de seus ideais culturais.

Se as tentativas e a dominação da natureza acabaram por dominar também o homem, que é, ou já foi, natureza, pode-se dizer que a civilização soluciona e cria problemas ao mesmo tempo, pois o que Freud [1930] designa como civilização é a soma das realizações e instituições que nos afastam do ser animal e que servem para proteger o homem da natureza e regulamentar os vínculos dos homens entre si.

Não podemos compreender porque as instituições pelo homem criadas não trazem a ele bem-

estar e proteção para todos. Completando a ideia de Freud [1930] em suas próprias palavras “(...) se lembrarmos como fracassamos justamente nessa parte da prevenção do sofrimento, nasce a suspeita de que aí se esconderia um quê da natureza indomável, desta vez da nossa própria constituição psíquica”. (FREUD, 1930, p: 44). Ou seja, as possibilidades de felicidade são restringidas pela própria constituição do homem.

“A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos”. (FREUD, 1930, p: 28).

Pensamos que seja essa nossa proposta, criar e lançar mão de maneiras de estar na Cidade, passar por ela, ainda que esta, inclusive por sua origem, nos faça sofrer. Ao fazer essa proposta tomaremos o cuidado em não nos satisfazermos com “prazeres baratos” (FREUD, 1930) e incapazes de transformar profundamente a relação do homem com a Cidade. Não se intenciona aqui, medicar e acalmar a relação com a Cidade, mas provocar o mover-se em meio a parcela de insatisfação inerente ao homem (neurótico). Não seríamos capazes de tornar o homem mais feliz na Cidade, nem mesmo deixar a Cidade mais feliz, o que de início já seria um erro, pois Cidades não são capazes de sentir. O homem é. E é nessa relação que o Eu se faz via o outro.

Diante disso, o que é possível fazer? Ou a Cidade como conhecemos está fadada a ser fonte de infelicidade e medo e nada mais?

Quem poderia se responsabilizar por essas questões? Seriam os urbanistas e arquitetos? Os antropólogos? Os analistas? Uma questão interdisciplinar!

Proteger-se do outro, que nos toca e atravessa pode fazer sentido, e este (o sentido) é único e do sujeito. Por outro lado, faz perder algo do encontro. Aparta-nos e impossibilita suportar a dor do outro e a própria dor. Talvez seja este o último objetivo, não sentir. E este, por sua vez, é um pedido e ao mesmo tempo uma queixa recorrente dos que tem voz para falar sobre a Cidade.

Com isso, seria possível estar na Cidade de outra forma? É viável experimentar o espaço urbano da metrópole com este corpo envolto e marcado pelo sofrimento?

A resposta desta inquietação, ao invés de propor uma nova Cidade – utilizando as ferramentas tradicionais do urbanismo, os típicos [re]s (revitalização, requalificação, reestruturação etc.) – tampouco um projeto social e urbano para silenciar e escamotear o sofrimento, será a de assumir uma outra postura de estar na Cidade. Não uma solução definitiva e prospectiva, mas uma constatação especulativa perante o campo colocado. A tese aqui é a de incorporar o sofrimento e a Cidade em uma experiência urbana da alteridade, como indica Paola Berenstein Jacques [2012] no livro *Elogio aos Errantes*.

De fato, quando passamos do empobrecimento da experiência da alteridade na modernidade ao que seria a sua expropriação contemporânea; da brutal experiência física e psicológica do choque metropolitano moderno – mesmo que protegida por uma atitude blasée (pensada por Georg Simmel) – à anestésica contemplação da imagem publicitária contemporânea da cidade-espetáculo (como diria Guy Debord) ou da cidade-simulacro (de Jean Baudrillard); ou, ainda, quando vamos do estado de choque moderno ao estado de anestesiamento contemporâneo, o que fica evidente é a atual estratégia de apaziguamento programado do que seria um novo choque contemporâneo: uma hábil construção de subjetividades e de desejos, hegemônicos e homogeneizados, operada pelo capital financeiro e midiático que capturou o capital simbólico e que busca a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas entre diferentes – seja pela indiferenciação, seja pela inclusão excludente – promovendo, assim, a pasteurização, homogeneização e diluição das possibilidades de experiência na cidade contemporânea. (JACQUES, 2012, p. 13-14)

Assumir a possibilidade da alteridade urbana, reconhecer no sofrimento um campo ativo da subjetividade, construir uma relação entre o corpo e a Cidade, entre a carne e a pedra, o público – outro – e o privado – eu, resultam da especulação que se segue. Perambular pela metrópole resgatando o tempo, as memórias e as percepções, removendo o funcionalismo mal fadado da utilidade urbana impregnada em nossos espaços, objetos e corpos. Transformar o ordinário e a banalidade em fontes de possibilidades de alteridade urbana. Mas antes, para auxiliar essa especulação científica, interdisciplinar e conceitual, dois “personagens” foram convidados, e analogamente colocados, como condutores da experiência da alteridade: o trapeiro (figura 1) de Charles Baudelaire [1857] e o colecionador de Walter Benjamin [1936].

Figura 1: Trapeiro parisiense. Foto: Eugène Atget, 1901.



Fonte: <http://www.mheu.org/en/timeline/13/atget-gobelins.htm>

Chiffonier, Rag picker, Trapeiro, o recolhedor dos trapos...

Aqui temos um homem – ele tem de recolher na capital o lixo do dia que passou. Tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, é reunido e registrado por ele. Compila os anais da devassidão, o cafarnaum da escória; separa as coisas, faz uma seleção inteligente; procede como um avaro com seu tesouro e se detém no entulho que, entre as maxilas da deusa indústria, vai adotar a forma de objetos úteis ou agradáveis. (BAUDELAIRE, Oeuvres I, p: 249-50 In BENJAMIN, 1989, p. 78)

Assim Baudelaire [1857] apresenta esse personagem tão caro a essa especulação. Personagem reconhecido como tal pelo próprio Benjamin [1936]:

Essa descrição é uma única metáfora ampliada do comportamento do poeta segundo o coração de Baudelaire. Trapeiro e poeta, os dejetos dizem respeito a ambos; solitários, ambos realizam seus negócios nas horas em que os burgueses se entregam ao sono; o próprio gesto é o mesmo em ambos. (...) é o passo do poeta que erra pela cidade procurando a presa das rimas; deve ser também o passo do trapeiro que, a todo instante, se detém no seu caminho para recolher o lixo em que tropeça. (BENJAMIN, 1989, p. 78-79)

O trapeiro de Baudelaire – reconhecido, resgatado e reforçado por Benjamin – é um homem que habita a metrópole, está na metrópole, permanece dentro. Dentro da Cidade, fora da casa – na rua. Acordado num contraturno de produção do capital contemporâneo. Um homem que perambula e recolhe os restos abandonados pela constante modernização da Cidade e sua sociedade. Um homem que percebe, no rastro deixado pelo desenvolvimento tecnológico e hiper-capitalista da metrópole global, uma urgência constitutiva da subjetividade. Um homem que resgata o que é desnecessário, inútil e descartado. Um homem que coleciona trapos. Um trapeiro-colecionador.

Trapos, coisas inúteis, restos de algo antes importante, objetos e memórias que um dia foram de alguém, foram do outro. Restos deixados como rastro, deixados para trás como fragmentos de um viver, de uma narrativa já contada, pedaços de uma história que um dia foi, que ainda é. Um fragmento, um resto de narrativa que, aos olhos e ao corpo do Trapeiro, agora com propriedade, pode ser recolhido, reunido e registrado. E nessa reunião, uma coleção, os fragmentos e restos de muitos, memórias dos outros, podem e são resignificados e constituem uma outra narrativa, não mais somente de outros, mas também dele. O que o Trapeiro elabora ao recolher, não indiscriminadamente, os trapos durante suas perambulações pelos emaranhados da Cidade contemporânea, é uma coleção de inutilidades. Uma coleção que é constantemente revisitada e reorganizada. Uma coleção de objetos-memórias abandonadas.

Pode-se partir do fato de que o verdadeiro colecionador retira o objeto de suas relações funcionais. (...) sobre a qual se constrói uma contemplação ‘desinteressada’ (...) de tal modo que o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano. (BENJAMIN, 2007, p: 241, [H 2, 7; H 2a, 1])

O Trapeiro-colecionador se afasta do proprietário profano, antigo dono-consumidor daqueles objetos abandonados, pois não assume sobre tais restos a intenção de possuí-los concretamente. Sua intenção, seu olhar, sua ganância sobre tais memórias é da ordem da apropriação sensível e subjetiva, da construção de um campo de ações poéticas, onde o corpo reformula as suas experiências urbanas.

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta ‘completude’ <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção. (...) Colecionar é uma forma de recordação prática e de todas as manifestações profanas da ‘proximidade’, a mais resumida. (BENJAMIN, 2007, p: 239, [H 1a, 2])

3 CONCLUSÃO

Notamos agora, o quanto a escrita de nossa proposta soa fragmentária, quase como se tivesse sido colecionada entre livros e saberes e incorporada durante a escrita deste artigo. Tomemo-la assim, entre cortes e rupturas, assim como os caminhos da Cidade.

Deixemo-nos levar pelo Trapeiro, colecionar.

Se até aqui nos movemos, foi possível delinear por onde. A questão é, que para onde andaremos não está dado ou pronto. Uma conversa em aberto. Aberta aos ruídos da Cidade. Aos ruídos do outro tanto quanto possível a nós. Por vezes, nada. Pois esta é uma apropriação que busca um reconhecimento e um pertencimento à Cidade. Uma apropriação que se mantém incompleta, mesmo reunida, mas ainda fragmentada, de uma experiência da



alteridade. Uma experiência mais lenta, menos consumidora da Cidade e do outro, dos espaços e das relações humanas. Mais do que uma experiência concreta, uma reflexão crítica sobre o estar na Cidade, sobre o viver na metrópole, sobreviver na metrópole.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal (1857)*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo (1936) - Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENJAMIN, W. *Passagens (1927-1940)*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (1929-1940) – Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. *Rua de mão única (1928-1940) - Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética (2002)*. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. *Obras Completas volume 18*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- JACQUES, P. B. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JOSEPHSON, S. C. Espaços urbanos e estratégias de hierarquização. In: JOSEPHSON, S. C. *SaúdeLoucura – Subjetividade, n° 6*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.